

BREVE PANORAMA HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DA ESCRITA E DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA JAPONESA

Rachel Antonio Soares (UFRJ)¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um panorama teórico-histórico referente à noção e à formação da escrita e da gramática da Língua Japonesa.

Primeiramente, busco abordar a história da formação da escrita japonesa a partir da época em que a língua não havia representação escrita, passando pela posterior importação de uma grafia (os *kanji*²) da China, até chegar ao seu desdobramento configurando uma escrita caracteristicamente japonesa, gerando dois silabários que juntos aos *kanji*, são amplamente utilizados até os dias de hoje. Posteriormente, busco também ordenar de forma cronológica e conceitual os percursos para a formação de um pensamento gramatical japonês visto que a complexidade da língua e as influências recebidas do chinês inicialmente geraram dificuldade para um conhecimento mais aprofundado em comparação ao pensamento japonês.

PALAVRAS-CHAVE: língua japonesa, escrita japonesa, gramática japonesa, linguística

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente é professora substituta do Setor de Letras Japonesas do Departamento de Letras Orientais e Estavas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

² Ideogramas.

A BRIEF HISTORICAL OVERVIEW ON THE JAPANESE WRITING AND GRAMMAR

ABSTRACT: This paper aims at presenting a theoretical and historical overview with regards to the formation of Japanese writing system and grammar.

Firstly, I make an approach to the history of the development of Japanese writing system from the era where Japanese language did not have any writing system, having imported ulteriorly a grapheme system (*kanji*³) from China until unfolding as what is known as Japanese writing system with its two syllabaries, that next to kanji, are widely adopted to today's writing. Secondly, I also organize chronologically and conceptually the routes to the awareness of Japanese grammar when its complexity with regards to Chinese influences comes to terms. Consequently, it has emerged many difficulties to a thoroughly understanding of the Japanese thought.

KEYWORDS: Japanese language, Japanese writing, Japanese grammar, linguistics

³ *Ideograms.*

1. Introdução

A partir do momento em que se é exposto a uma breve história do pensamento lingüístico, são muitas as questões que eclodem sobre o que realmente de fato são: oralidade, escrita, letramento e, por fim, a concepção de gramática.

Ainda que em um primeiro momento, tudo possa ser/parecer semelhante, posteriormente, mostra-se bastante diferente após muitas observações e estudos sobre o que cada um dos termos acima mencionados representa. De acordo com Thomas (2005), a oralidade é um termo impreciso, pois esse mesmo termo pode englobar três níveis: comunicação oral, composição oral e transmissão oral, enquanto que a escrita, dentre diversas funções, teria como objetivo preservar informações⁴ e também facilitar a comunicação a longa distância. Já o letramento consiste na capacidade de ler e escrever, possuindo também vários níveis: leitura de signos simples e notícias, jornal popular e livros extensos.

Tais etapas e processos se deram de maneira lenta e gradual, até constituírem de fato um grupo que engloba definições e situações que, posteriormente, geram um conjunto maior denominado gramática. Mas o que é a gramática? Para que serve a gramática? Por que aprendemos as línguas através da gramática? São várias perguntas que nos fazem refletir não só apenas sobre como uma gramática de determinada língua nasce, mas também sobre a questão da evolução do pensamento lingüístico.

A noção de gramática começou a ser delineada por volta do século IV e V por filósofos como Aristóteles, Platão, Dionísio da Trácia que observaram que as palavras possuíam classes e que era possível agrupá-las a partir de suas características intrínsecas. A partir disso, considerações são tecidas sobre o que seria letra, sílaba, conjunção, nome, verbo, inflexão ou caso e sentença ou frase. Em *On The Interpretation* (“Da interpretação”) Aristóteles busca filosofar sobre a relação entre as palavras escritas e a mente, chegando à condição de que a linguagem é considerada um instrumento da lógica; logo, a gramática também era uma derivação da própria lógica. Já em “Poética”, além de traçar uma reflexão sobre as Artes, nos capítulos XIX e XX trata sobre o pensamento e os modos

⁴ Entretanto, Thomas (2005, p. 67) faz questão de enfatizar que ainda que uma das funções da escrita seja a de preservar informações, a função de fixar algo para sempre não fica clara dentre os indícios encontrados na história da escrita ocidental.

de elocução, por serem elementos essenciais à tragédia. E, no capítulo XX, há um esquema em referência à linguagem e seus elementos constituidores: “*Language in general includes the following parts: —Letter, Syllable, Connecting word, Noun, Verb, Inflection or Case, Sentence or Phrase.*”. Já Platão prezou pela discussão em seus diálogos sobre os significados da palavra, sua etimologia e, de todos, *Crátilo* é o mais relevante, visto que tenta dirimir tais questões de forma mais incisiva (VIARO, p. 2011). Em *Téchné grammatiké*, Dionísio da Trácia apresenta esclarecimentos sobre a estrutura do grego, porém, carece da análise sintática.

A partir disso, os termos que se referiam a advérbio, conjunção, entre outros começaram a ser cunhados (ainda não igualmente da forma que são cunhados atualmente) a fim de delimitar as classes gramaticais, características e sua ocorrência.

2. Origem da escrita japonesa

Inicialmente, os japoneses eram ágrafos, ou seja, havia uma língua, porém, não havia escrita. A falta de tal tipo de registro para a língua fez com que um tipo de escrita fosse importado para o Japão. E, tal importação se deu pela China, durante o “reinado” do príncipe regente Shōtoku Taishi⁵ (574-622) que durou aproximadamente 29 anos, de 593 a 622 d.C.. Na época, a China era o centro da efervescência cultural e, juntamente com a escrita chinesa (os ideogramas, conhecidos também como *kanji*), cultura e costumes chineses também começam a ser difundidos no Japão.

Corroborando o que Thomas (2005, p.31) diz sobre a motivação da escrita e da leitura serem pautadas em motivos religiosos, o chinês é aprendido pelos monges (em templos) e pela aristocracia (em escolas de formação de burocratas) para a leitura e absorção das filosofias budistas e confucionistas presentes nos textos importados a partir do século IV e século V (SUZUKI, 2012, p. 12). Além de questões religiosas, Thomas (2005, p. 37) traça um paralelo entre a escrita pela visão ocidental e pela visão japonesa (oriental): basicamente, os ocidentais encaravam a escrita como um meio de tornar a palavra falada permanente, através de seu registro;

⁵ Utilizo o sistema Hepburn para a transliteração de termos em japonês.

já os japoneses, acreditam que o verdadeiro conhecimento reside na escrita e não na palavra falada. Visto isso, o conhecimento só poderia ser expresso na forma escrita.

Inicialmente, para facilitar a leitura dos textos clássicos em chinês, os japoneses utilizavam um sistema de leitura – *kanbunkundoku*⁶ – em que consistia na marcação de sinais diacríticos a fim de orientar o leitor a ordem da leitura do texto chinês de acordo com a sintaxe do japonês. Tal sistema era de grande importância visto que a estruturação do chinês e do japonês é extremamente diferente: enquanto que o chinês é uma língua de caráter isolante com estruturação SVO, o japonês é uma língua aglutinante, flexional e de núcleo final, ou seja, SOV. Com isso, as marcações eram fundamentais, pois, eram responsáveis por identificar a função sintática que a palavra exercia dentro do texto.

Muito posteriormente ao domínio dos ideogramas chineses, cria-se uma escrita fonológica – *manyōgana* – para que os textos japoneses pudessem ser registrados. Mas é entre os séculos VIII e IX que tal sistema fonético dá origem aos dois silabários que se encontram presentes na língua japonesa até a atualidade: *hiragana* e *katakana*.

O *hiragana* consiste em 48 sílabas, dentre essas, cinco vogais. Atualmente é responsável por grafar palavras japonesas, quando os ideogramas não são usados e, além disso, também são utilizados como *furigana* – para escrever como se pronuncia o ideograma. O *hiragana* era comumente chamado de *onnade* (caligrafia de mulher) ou *onnamoji* (letra de mulher), visto que as mulheres do período Heian (794-1185) – excluídas da possibilidade de estudar chinês – utilizavam-se dessa escrita para produzir os seus próprios poemas e também escrever cartas em geral. O mais interessante é que embora fosse uma escrita feminina, alguns homens também dominavam essa forma de escrita, mediante a provas de comunicação escrita entre homens e mulheres feitas em *hiragana*. Ao final do século IX, início do século X, as obras literárias passam a ser escritas em *hiragana*, constituindo assim, o início de uma escrita tipicamente japonesa (HABEIN, 1984, p. 25-26).

O *katakana* consiste em 48 sílabas com cinco vogais, tal como no *hiragana*. Atualmente é responsável por grafar palavras estrangeiras ao idioma japonês. Seu aparecimento se deu por volta do século IX; estava presente nas anotações de monges que estudavam chinês. A

⁶ Literalmente “leitura japonesa de textos chineses”. (SUZUKI, 2012, p. 16)

necessidade de ser ter anotações rápidas e precisas sobre o que estudavam fez com que os mesmos começassem a desenvolver letras simplificadas e personalizadas, originando o *katakana*. Ainda que fosse uma escrita simplificada, havia muitas discrepâncias em relação à uniformidade, visto variar de pessoa para pessoa. A distinção entre os estilos de escrita só seria dirimida a partir da metade do período Heian. Ao fim do período Heian, o *katakana* já era livremente utilizado na escrita com os ideogramas, porém, ainda assim não obteve projeção tal como o *hiragana* (HABEIN, 1984, p. 23-24).

Vale ressaltar que tanto o *hiragana* quanto o *katakana* tiveram a sua origem com base na simplificação dos ideogramas chineses, como se pode observar a seguir:

Figura 1: tabela representando a origem do *hiragana* e do *katakana* a partir dos ideogramas

	ひ	ら	が	な		か	た	か	な	
以呂波仁保部止知利奴留遠和加與太	いろはにほへとちりぬるをわかよた	礼曾州祢奈良武宇為乃於久也末計不	れそつねならむうののおくやまけふ	己衣天安左幾由女美之恵比毛世寸	こえてあさきゆめみしゑひもせす	阿伊宇江於加幾久介己散之須世曾多	アイウエオカキクケコサシスセソタ	千州天止奈二奴祢乃八比不部保末三	チツテトナニヌネノハヒフヘホマミ	牟女毛也由與良利流礼呂輪井慧乎
										ムメモヤユヨラリルレロワヰエヲ

(*Nihon no Rekishi* (A História do Japão), 1988, p. 14)

— IDEOGRAMAS

— HIRAGANA

— KATAKANA

A partir do domínio da escrita - tanto dos ideogramas quanto da escrita fonológica, a poesia antes oral, passa também a ser escrita e cultivada pela aristocracia. E, é justamente a partir da leitura dos textos religiosos e também da prática literária que nascem as primeiras sementes para o início do norteamento de caracterização da língua japonesa no século XIII.

3. A gramática da língua japonesa pela ótica do modelo de gramática latina

Os portugueses marcaram presença por quase todo o mundo por longos séculos, desde o século XVI, tanto para interesses comerciais quanto para interesses religiosos tal como espanhóis e holandeses. Porém, a habilidade na articulação comercial e religiosa rendeu destaque aos portugueses no Japão. Em termos religiosos, a ideia principal era a propagação do Catolicismo. Para isso, os jesuítas deveriam aprender a língua do povo em questão para que, posteriormente, pudessem difundir sua religião. Porém, para que o aprendizado pudesse fluir de fato, eram necessários três passos: (a) descrição da língua (breve estudo tipológico), (b) levantamento do vocabulário da língua e (c) difusão do catecismo (aplicação de orações e ensinamentos já utilizando a língua em questão).

Para que esses três passos pudessem ter sucesso primeiramente no sentido de descrição da língua, foi necessário primeiramente configurar um sistema de escrita. Basicamente, o sistema de escrita era baseado no latim, já que todos os jesuítas deveriam ser versados no mesmo. Quando a língua apresentava sons que destoassem dos sons que havia no latim, era normal o uso do alfabeto em latim, porém, com ressalvas e descrições de como deveria de ser pronunciado. Para isso, os estágios do esquema adotado eram:

letra ⇨ ortografia ⇨ sílaba ⇨ prosódia ⇨ palavra ⇨ etimologia ⇨ construção ⇨ sintaxe

Dentre os vários registros feitos pelos jesuítas⁷, o mais relevante visto a sua riqueza de conteúdo é a *Arte da Lingoa de Iapam*, de autoria do Padre João Rodrigues Girão, também

⁷ *Vocabulario da Lingoa de Iapam* (1603), *Arte da Lingoa de Iapam* (1608) e *Arte Breve da Lingoa Iapoa* (1620), além de cartas enviadas à Companhia de Jesus ou trocadas entre os próprios jesuítas e anotações.

conhecido como João “Tçuzzu”, de acordo com Sá (2010, p. 2051). Ainda de acordo com Sá (*op. cit.*), ainda que tenha sido publicada em Nagasaki em 1608, acredita-se que metade da obra foi impressa em 1604, vide a nota de edição na folha de rosto. Além disso, de acordo com Yamashiro (1989, p. 100), a publicação ter sido feita em Nagasaki, deve-se ao fato de que foi em Nagasaki que os portugueses, comerciantes e jesuítas melhor se estabeleceram: o feudo de Omura acolheu os portugueses sob a liderança do *daimyō* (senhor feudal) Bartolomeu Sumitada Omura (já convertido ao Cristianismo) e seu filho, Sancho Yoshiaki e, posteriormente, esse mesmo senhor feudal doou Nagasaki e a aldeia de Mogi (arredores de Nagasaki) à Companhia de Jesus através de um documento assinado em 27 de abril de 1580, abrindo caminho para melhoramentos na infraestrutura da cidade, construção de Igrejas e também na administração civil feitos pelos cristãos (sejam japoneses e/ ou portugueses).

Para alcançar o objetivo de conversão dos japoneses, era necessário compreender não só a língua, mas também a cultura e os costumes, principalmente aqueles ligados ao Budismo e ao Xintoísmo.

Retomando a questão das gramáticas da língua japonesa pela ótica dos portugueses, a gramática desenvolvida pelos jesuítas tinha como base o modelo da gramática latina e durante os séculos XVI e XVII foi utilizada para estreitar relações entre portugueses e japoneses no sentido religioso, de propagação do Catolicismo no país. Como já mencionado, para dominar um povo, era necessário tomar consciência de parte de sua língua e de seus costumes. Para isso, a gramática foi de extrema importância para os jesuítas já residentes no Japão e para os que ainda viriam para dar continuidade ao processo de conversão, já que aclarava as diferenças estruturais das línguas portuguesa e japonesa, marcação de papel temático, entre outras características da língua.

Ainda sobre a *Arte da Lingoa de Iapam*, classifica-se a obra como uma gramática, a primeira gramática da língua japonesa existente na história, visto o seu teor descritivo:

“Seu objetivo era apresentar a língua de forma prática para a rápida aprendizagem de quem precisasse utilizar a língua japonesa. Estamos tratando de um fato anterior à cientificidade da gramática – cientificidade que, oriunda do pensamento positivista, só vai ser engendrada a partir do século XIX, em vários ramos do conhecimento.” (Sá, 2010, p. 2052)

Além do prefácio, a obra conta com uma seção chamada ‘Advertências’, escrita pelo próprio padre João Rodrigues, elucidando a divisão dos capítulos e seus assuntos:

Dividi esta Arte em tres livros, o primeyro dos quaes comprehende os nominativos, e conjugações assi as que servem pera o cõmum falar, como as que se usam na escritura, e cartas com algũas notações proveytosas, e a Rudimenta com a ortographia Japoa em nossa letra. No segundo livro se trata da syntaxis intransitiva, e transitiva, da construyção figurada, e dos barbarismos: onde se poem algũs modos de falar particulares de certos reynos, e lugares, e se trata dos accentos, e modo de pronunciar desta lingoa, e hũa breve noticia das varias sortes de versos que tem. No terceyro, e ultimo se trata de diversos estilos da escritura, do modo de escrever cartas, e de vários modos de contar que tem esta lingoa, em que se encerra boa parte della com outras curiosidades proveytosas. (Rodrigues, 1608, p. 10)

Tashiro (2004) detalha com mais clareza a divisão e os objetivos dos três livros que compreendem a *Arte da Lingoa de Iapam*: semântica (livro 1), sintaxe, dialetos e expressões (livro 2) e aplicação da língua à escrita, principalmente no que tange à produção de cartas, além de informações como nomes de províncias do Japão, nomes de autoridades religiosas, numerais (contagem de itens, pesos e medidas, etc), pronomes interrogativos, entre outras informações (livro 3).

Como a *Arte da Lingoa de Iapam* é produto da forte influência do modelo latino faz com que Padre João teça esclarecimentos sobre a língua japonesa baseados na constituição da gramática do latim. Vale ressaltar que as peculiaridades da escrita japonesa (*hiragana*, *katakana* e *kanji*) são ignoradas e as questões gramaticais são acomodadas nos moldes latinos, como por exemplo:

(a) os morfemas que atribuem papel temático às palavras na sentença, são classificados como declinações e não como morfemas que atribuem caso:

Figura 2: Regras relativas aos substantivos

**LIVRO PRIMEIRO DA ARTE
DA LINGOAI APOA.**

*Declinação pera todos os nomes substantiuos,
& pronomes primitiuos.*

<i>Nominatiuo.</i>	Aruji, l, Arujiua, ga, no, yori, Senbor, ou dono.
<i>Genitiuo.</i>	Arujino, ga.
<i>Datiuo.</i>	Arujini, ye.
<i>Accusatiuo.</i>	Arujiuo, uoba, ua, ga.
<i>Vocatiuo.</i>	Aruji, icani Aruji.
<i>Ablatiuo.</i>	Arujiyori, cara, ni.

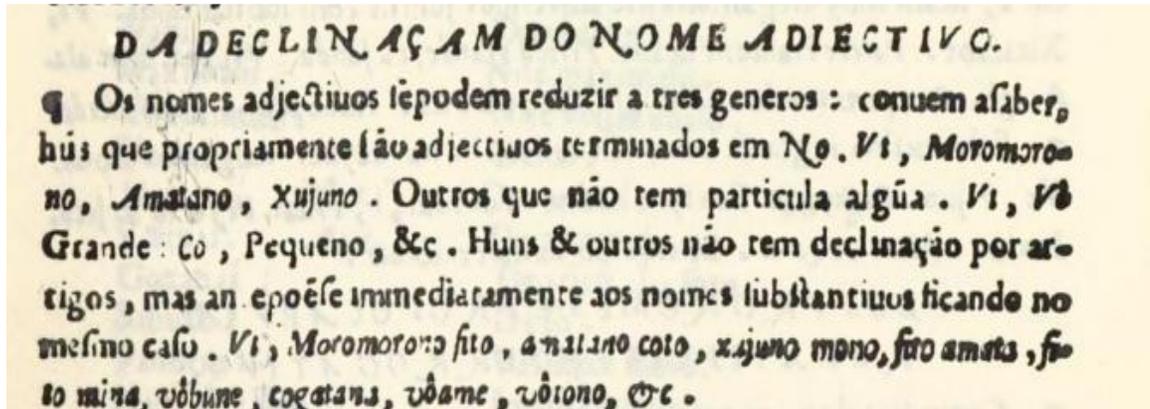
NV MER O PLVR AL.

<i>Nominatiuo.</i>	Aruji, l. Arujitachi, xu, domo, ra.
<i>Genitiuo.</i>	Arujitachino, ga.
<i>Datiuo.</i>	Arujitachini, ye.
<i>Accusatiuo.</i>	Arujitachiuo, uoba, ua, ga.
<i>Vocatiuo.</i>	Arujitachi, l, icani Arujitachi.
<i>Ablatiuo.</i>	Arujitachi yori, cara, ni.

(Rodrigues, 1608, p. 11)

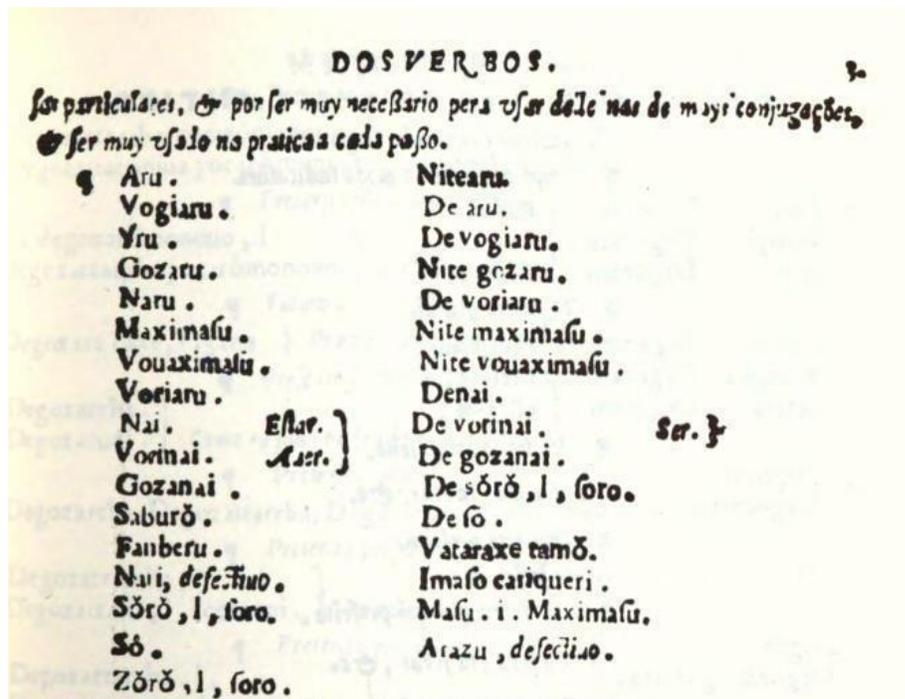
(b) as flexões dos adjetivos nos tempos presente e passado, modos afirmativo e negativo são também interpretadas como declinações, com ressalvas em relação a existência de três gêneros:

Figura 3: Regras relativas aos adjetivos

(Rodrigues, *op. cit.*, p.13)

(c) as flexões dos verbos nos tempos presente e passado, modos afirmativo e negativo são interpretadas como conjugações:

Figura 4: Regras relativas aos verbos

(Rodrigues, *op. cit.*, p. 15)

Ainda que em moldes do pensamento latino, o registro dessas e outras informações corrobora o que foi mencionado anteriormente sobre a riqueza de detalhes sobre a língua japonesa presentes na obra, sendo considerado de grande valia visto que o agrupamento dessas informações era a melhor forma de orientação para facilitar o dia-a-dia dos portugueses (tanto os comerciantes quanto os religiosos) no Japão. Como era um material que tinha como objetivo facilitar a vida e as relações entre portugueses e japoneses, principalmente no nível da fala, não houve a preocupação em registrar a escrita japonesa (fonológica – *hiragana* e *katakana* e de ideogramas).

Porém, no período Edo (1603-1868), com a expulsão dos cristãos em 1614 pelo governo militar denominado “Bakufu” (Xogunato), a *Arte da Lingoa de Iapam* foi esquecida e seu conteúdo só foi conhecido pelos japoneses apenas no século XX. Vale ressaltar que, apesar de a gramática receber um reconhecimento tardio na comunidade linguística, gerou grande contribuição para os estudos não só no campo da gramática, mas também da etimologia, semântica, fonética e fonologia, campos que ainda careciam de melhor sistematização, visto a carência de informações mais detalhadas em relação à língua. (SUZUKI, 2012, p. 14).

3.2 O modelo de gramática japonês

Tal como os portugueses que necessitavam sistematizar a língua japonesa para maior entendimento dos textos religiosos e a difusão de seus conhecimentos, no Japão, a introdução dos ideogramas se deu gradativamente no período Nara (710-794) para a leitura e posterior interpretação dos sutras budistas. Após isso, no período Heian (794-1185), temos o início da consolidação da escrita japonesa e breves tentativas de compreensão do funcionamento da língua japonesa. É o caso do prefácio do *Manyōshū*, primeira coletânea de poemas japoneses. No prefácio, o poeta Ki no Tsurayuki (872-945) explicita algumas motivações para o uso de determinadas palavras e terminações nos poemas, visto a estruturação e a condição da língua japonesa. Essas explicitações atualmente são consideradas como tentativas de descrição da língua, mesmo que não embasadas em teorias. Entretanto, os primeiros estudos filológicos e morfossintáticos da língua em questão apenas tiveram início no século XIII. O processo para a formalização das categorizações e de regras foi bastante longo e lento, visto a complexidade da língua, além de questões internas

ligadas à política da época. Porém, de acordo com Suzuki, (2012), será apenas na Era Meiji (1868-1912) que teorias linguísticas serão desenvolvidas voltadas especificamente para o japonês.

É fato que já se tinha a conscientização da semântica em relação às classes de palavras visto o uso dos marcadores diacríticos para orientação da leitura dos sutras budistas no período Nara (710-794). Porém, com o advento e a popularização da poesia escrita no período Heian (794-1185), os poetas passaram a não só produzir poemas, mas também a tecer comentários em relação ao uso dos morfemas responsáveis por atribuir papel temático às palavras a fim de orientar e facilitar a leitura e interpretação do poema. Porém, a distinção morfológica só é observada no século XIV quando poetas como Nijo Yoshimoto (1320-1388) passam a propor regras de construção de poemas fazendo referência a termos que indicavam verbos e predicadores de qualidade, além dos morfemas *teniwoha*. De acordo com Suzuki, (2012, p. 19). Os ‘*teniwoha*’ eram morfemas de uso comum nos textos em japonês e tinham a função de indicar papel temático às palavras. ‘*te*’ um morfema conectivo; ‘*ni*’, indicando locativo; ‘*wo*’ acusativo e ‘*ha*’ marca tópico e também nominativo.

A partir do século XVII, mesmo com o fechamento dos portos do Japão em relação ao mundo, os poemas deixam de ser de exclusividade da aristocracia e se popularizam, principalmente na camada da burguesia. Além disso, com o advento da Imprensa pelos portugueses ainda no século XVI, os textos passam a ser publicados (parcialmente ou integralmente) juntamente com as observações sobre os *teniwoha*, abrindo caminho para que as regularidades da língua pudessem ser finalmente observadas.

Essa nova mentalidade era chamada de *kokugaku* (estudos vernaculares) e tinha como objetivo principal a retomada das leituras dos grandes clássicos da literatura japonesa para uma observação mais apurada dos fenômenos linguísticos. Com a liberdade obtida para as releituras, algumas obras como o *Ippo*⁸, passam a exibir categorias gramaticais como tempo, modalidade, além de focar a questão da transitividade verbal.

Vale ressaltar que o *kokugaku* nasceu da oposição em relação aos estudos holandeses – *rangaku*. Tal tipo de estudo foi desenvolvido a partir da chegada dos holandeses ao Japão por volta

⁸ “Primeiros Passos”, em tradução livre. Publicado em 1676, mas de autoria desconhecida. Consistia em um tratado de poesia *renga*. (Suzuki, *op. cit.*, p. 21). O *renga* era um tipo de poesia “colaborativa”, em que seus versos eram encadeados a partir da combinação de regras de composição feitas por dois ou mais poetas.

do século XVII com objetivo estritamente comercial. Porém, mais do que as práticas comerciais, os holandeses também trouxeram novos conhecimentos, principalmente na área da Medicina, revolucionando a medicina japonesa ainda arcaica já que a base do conhecimento era oriunda da Medicina Chinesa. A fim de se obter mais conhecimentos na fonte, os japoneses investiram nos estudos sobre a língua holandesa. Com isso, houve um *boom* de intérpretes que eram responsáveis não só pelas aulas de holandês como também pela elaboração de materiais didáticos para os mesmos fins⁹. A produção desses materiais ganha a atenção dos estudiosos japoneses que se inclinam a analisar a língua holandesa e suas categorias com o objetivo de realizar um estudo comparativo entre as duas línguas e sistematizar os elementos do japonês às categorias do holandês. Tal objetivo não pôde ser completamente alcançado visto as especificidades de cada língua, porém, a conscientização dos paradigmas gramaticais, tempo, aspecto, entre outros elementos do holandês possibilitou os japoneses trilharem um caminho que aparentemente ainda se encontrava na penumbra (SUZUKI, *op. cit.*).

Retornando ao *kokugaku*, a proposta de retorno aos clássicos japoneses como forma de observação dos dados lingüísticos abre caminho para a estruturação de uma gramática nos moldes do pensamento japonês. As observações deixam de ser apenas no campo da fonologia, etimologia e semântica e passam a constituir também o campo da morfossintaxe. Dentre diversos estudiosos japoneses, destaque especial para a dupla Fujitani Nariakira (1738-1779) e Motoori Norigana (1730-1801) que, de acordo com Suzuki (2012), são tratados como os pais da gramática japonesa, visto a sua enorme contribuição para o desenvolvimento e posterior avanço nos estudos gramaticais. Ambos, em suas análises, depararam-se com a questão do paradigma flexional dos predicados. Morinaga se incumbiu dos estudos sobre os *teniwoha*, aprofundando-se em seu funcionamento, sentido na sentença e os sistematizou. Já Nariakira buscou acomodar as palavras que partilhavam das mesmas características em categorias pré-definidas.

A fim de dar conta de suas observações e análises, Nariakira propõe um modelo de análise ainda pautado no campo da poética, porém, com uma visão inovadora a partir do *waka*. O *waka* é uma poesia japonesa e possui várias formas poéticas, como, por exemplo, o *tanka*, um poema curto formado pela combinação de 5-7-5-7-7 sílabas, gerando ao todo 31 sílabas. O poema se

⁹ (Suzuki, *op. cit.*).

assemelharia ao corpo humano; com isso, as palavras que o compunham, seriam espécie de adornos das partes desse corpo. A partir disso, postulou classes como: *kanzashi* (ornamento de cabelo), *yosoi* (vestimenta) e *ayui* (espécie de cordão que se situa na altura do joelho para amarrar a calça):

Figura 5: *kanzashi*¹⁰ (ornamento de cabelo)



Figura 6: *ayui*¹¹ (espécie de cordão na altura do joelho para amarrar a calça)



¹⁰ <http://cross-rose.seesaa.net/article/112431560.html?newwindow=true>

¹¹ <http://sousounetshop.jp/?pid=49704891>

De acordo com Suzuki (*op. cit.*, p. 25), os pronomes, advérbios, interjeições e conjunções inicialmente foram classificados como *kanzashi*. Como mencionado anteriormente, esse item é um ornamento de cabelo que fica na parte mais alta do corpo, a cabeça. Visto que pronomes, advérbios, interjeições e conjunções podem se posicionar no início de uma frase (embora não seja uma regra, afinal, podem aparecer em posição mais próxima ao final da frase) e, por não serem necessariamente essenciais, foram comparados ao *kanzashi*. Ainda de acordo com Suzuki (*op. cit.*, p. 25), se levarmos em consideração a escrita vertical, caso ocorra a presença desses constituintes no início da frase, estariam no ‘topo’, na ‘cabeça’ da frase. Em relação aos predicativos, eram classificados como *yosoi*, enquanto que os sufixos, partículas e auxiliares verbais era tratados como *ayui*, visto sua posição final. Ainda sobre tal tipo de organização, Suzuki (*op. cit.*, p. 26) complementa: “... no plano do conteúdo, é evidente a originalidade de Nariakira na medida em que sua classificação taxionômica leva em conta a função, associada à ordem das palavras na cadeia sintagmática da língua japonesa que, como já foi referido, é totalmente diferente da língua chinesa.”

Ao fim de sua vida, Nariakira conseguiu deixar uma última análise sobre a classificação dos *teniwoha* e aos predicativos. Em relação a isso, Suzuki (*op. cit.*, p. 26-27) ainda comenta que:

“... Nariakira não só procede à classificação dos *teniwoha* pela forma (flexionais e inflexionais) e pela palavra a que se ligam (nomes ou predicativos), cobrindo praticamente todas as classes de palavras da língua japonesa, como também dedica uma parte dos predicativos (*yosoi*), a única classe de palavra que não foi tema de um tomo à parte. Para o autor, os *ayui* – que são empregados no fim da sentença assim como os cordões da pantalone na perna – distinguem-se pela classe de palavra a que se juntam: os nomes ou os predicativos. Quando se acoplam a nomes, são de dois tipos: *tagui* (属[gênero]) que ‘se relacionam a sentimentos humanos’ e *ie* (家[casa]) que “se juntam (a nomes) segundo sua espécie (função)”, correspondendo respectivamente aos morfemas finais que exprimem sentimentos como admiração, exclamação, dúvida, interrogação, rogo do locutor, e aos morfemas de caso que especificam as funções sintáticas dos termos da frase. Por outro lado, os morfemas que se juntam aos predicativos (*que não se ligam a nomes*, segundo sua especificação) constituem os *tomo* (倫[senso]) que “acrescenta a razão”, correspondendo aos auxiliares verbais predominantemente acoplados aos predicativos para lhes acrescentar os modos e vozes verbais *mi* (身[corpo]) que “designa o modo de ser”, ou seja, os verbos auxiliares e uma parte dos auxiliares verbais; *tsura* (隊[grupo/tropa]) que “se acrescenta aos dois precedentes sem designar o modo de ser”, correspondendo aos sufixos.”

Tal classificação seria um tipo de legado para as futuras observações e análises concernentes à língua.

Com base na contribuição de Nariakira e Norinaga, Mitsue, filho de Nariakira continuou os estudos do pai, porém, foi Haruniwa (1763-1828), filho de Norinaga, juntamente com o seu discípulo, Suzuki Akira (1764-1837) que aprofundaram os estudos: Suzuki Akira completa o quadro de flexão proposto por Norinaga e Haruniwa completa a sistematização dos verbos. Após isso, o monge Tōjō Gimon (1786-1843) aproveitou o modelo acima mencionado, realizou algumas correções nas propostas dos estudiosos e criou uma divisão para as palavras – palavras flexionais (*yōgen*) e palavras inflexionais (*taigen*).

Ainda que o pensamento dos estudiosos japoneses tivesse despertado para uma análise linguística mais “madura”, o mundo linguístico japonês aparentemente sofreu uma revolução quando foi exposto ao pensamento ocidental, no período Meiji (1868-1912), quando o Japão deixa de ser um país fechado e volta a se abrir para o mundo. A influência ocidental se dá em diversas áreas, como nas ciências políticas, costumes e, principalmente, no conhecimento acadêmico. A partir desse novo contato é que os japoneses iniciam a experiência com o pensamento linguístico ocidental e no início do século XX, surgem os primeiros linguistas japoneses com teorias fundamentadas no japonês moderno, a serem citados mais adiante (SUZUKI, *op. cit.*, p.36).

De acordo com Suzuki (*op. cit.*, p. 36-37), algumas obras como *Nihongo zokugo bunten* (Gramática do japonês falado), de Matsushita Daizaburo, *Shōgaku nihonbunten* (Pequena gramática japonesa), de Tanaka Yoshikado e *Nihon bunten* (Gramática Japonesa), de Nakane Akira são lançadas e as observações, as comparações e as descobertas obtidas através do material de pesquisa antigo e moderno dão origem a novas classificações e terminologias mais técnicas, distanciando-se finalmente das utilizadas nas análises poéticas. Dentre as três obras, vale dar destaque ao *Nihongo zokugo bunten* (Gramática do japonês falado), visto que, pela primeira vez, o registro oral até então considerado vulgar, vai ser foco de análise. (SUZUKI, *op. cit.* e THOMAS, 2005).

Durante esse período, surgem grandes nomes da linguística japonesa, como Yamada Yoshio (1873-1958), Hashimoto Shinkichi (1882-1945), Tokieda Motoki (1900-1967) e Watanabe Minoru (1926-), que foram contribuidores diretos para a formação do que se conhece como gramática da língua japonesa em diversos aspectos. Entretanto, como a proposta deste trabalho é uma breve

abordagem, neste momento não me aterei ao detalhamento das contribuições feitas por cada pesquisador.

No campo concernente às linhas de pesquisa, surgiram novas vertentes que se misturaram com o pensamento ocidental e o pensamento japonês: *gengogaku* (literalmente, estudos de Linguística propriamente ditos) e o *nihongogaku* (estudos da língua japonesa) que é a análise da língua japonesa pela ótica de uma LE, ou seja, uma língua estrangeira. Essas duas novas vertentes vão se juntar ao *kokugaku* (estudos vernaculares) que sobreviveu às novas tendências e ao tempo e continua como um estudo de tradição do japonês desde os primórdios.

4. Conclusão

O presente trabalho buscou realizar uma organização em relação aos fatos concernentes à formação da escrita e da gramática da Língua Japonesa, em um breve passeio histórico que revelou diversas etapas. Essas etapas compreendem os contatos realizados em seus primórdios primeiramente com a China, país oriental e, depois, com países ocidentais, com destaque para Portugal e Holanda.

Referentemente às influências ocidentais recebidas pelo Japão, fica claro que a contribuição dos portugueses foi pioneira, porém, devido a questões religiosas, como a expulsão em massa dos cristãos, culminou com a perda temporária do trabalho desenvolvido pelo Padre João Rodrigues que apenas reaparece com considerável destaque no século XX. Visto esse hiato, será apenas com o *rangaku*, o segundo grande contato com os ocidentais, que o pensamento japonês em relação à língua parece começar a despertar de fato e, a partir disso, os estudos vão tomando cada vez mais maturidade. Aos poucos, os estudos se distanciaram do pensamento arcaico (ocidental e até oriental) que perdurou por muitos anos e ganharam sua própria roupagem, embora a noção de gramática como sistematização da língua japonesa seja recente em comparação com as gramáticas das línguas romanas e tem muito a se desenvolver seja nos estudos de *nihongogaku* (estudos da língua japonesa), *kokugaku* (estudos vernaculares) e principalmente nos estudos de *gengogaku* (Linguística), afinal, a língua está em constante evolução ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Imagem de *kanzashi*. <<http://cross-rose.seesaa.net/article/112431560.html?newwindow=true>>
Acesso em: 27 jul. 2013.
- Imagem de *ayui*. Disponível em: <<http://sousounetshop.jp/?pid=49704891>> Acesso em: 27 jul. 2013.
- _____. The Society for Teaching Japanese as a Foreign Language. *Nihon no Rekishi* (História do Japão). Tóquio: Bonjinsha, 1988.
- SUZUKI, Tae. Dos fatos da língua aos estudos linguísticos no Japão. In: **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**. SUZUKI, Tae *et. alii*. (org.). São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2012.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Cap. XX. Disponível em:
<http://www.gutenberg.org/files/1974/1974-h/1974-h.htm#link2H_4_0022> Acesso em: 20 jun. 2013.
- Aristóteles. *On the interpretation*. Disponível em:
<http://classics.mit.edu/Aristotle/interpretation.1.1.html>> Acesso em: 20 jun. 2013.
- Dionísio da Trácia. *Tékhnē grammatiké*. Disponível em:
<<http://archive.org/details/grammarofdionysi00dionuoft>> Acesso em: 20 jun. 2013.
- HABEIN, Yaeko Sato. The History of the Japanese Written Language. Japan: University of Tokio Press, 1984.
- RODRIGUES, Pe. João. *Arte da Lingoa de Iapam*. [s.l.]: Companhia de Jesus, 1604.
- SÁ, Michele Eduarda Brasil de. A Arte da Lingoa de Iapam de Joao Rodrigues “Tçuzuu”. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. vol. XIV, nº 4, tomo 3. 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2050-2055.pdf> Acesso em: 27 jul. 2013.
- SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Contar como se conta: os numerais japoneses na *Arte da lingoa de Iapam*, de João Rodrigues “Tçuzzu”. *Revista Litteris*, n.5. julho/2010. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar_MICHELE.pdf> Acesso em: 27 jul. 2013.
- STUDTMANN, Paul. 2008. Aristotle's Categories. In: Edward N. Zalta (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2008 Edition). Disponível em:
<<http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/aristotle-categories/>> Acesso em: 27 jul. 2013.

- TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzzu. *In: **Historiografia da Lingüística Brasileira - Boletim 7***. São Paulo: CEDOCH - DL/USP, 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7_199-224.pdf > Acesso em: 27 jul. 2013.
- THOMAS, Rosalind. Letramento e oralidade na Grécia antiga. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.
- VIARO, Mário Eduardo. Pequena historiografia da ciência etimológica. *In: **Etimologia***. São Paulo: Contexto, 2011. p. 27-94.
- YAMASHIRO, José. Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII. IBRASA: São Paulo, 1989.